

A Produção historiográfica de Possidônio Queiroz e Dagoberto de Carvalho Jr. durante as décadas de 1970 e 1980 na cidade de Oeiras-PI no Jornal *O Cometa* e na Revista do Instituto Histórico de Oeiras

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety¹

Resumo: Este artigo objetiva capturar as ideias de dois proeminentes historiadores que nasceram em Oeiras Piauí, e sobre ela refletiram. Os dois podem ser também chamados de “agitadores culturais”, uma vez que, ao realizar a pesquisa que sustenta a narração deste artigo, vamos encontrá-los, liderando as atividades culturais desenvolvidas na cidade. São homens de seu tempo e que perceberam que precisavam trabalhar para que o patrimônio cultural de Oeiras fosse preservado. Assim, atuaram como professor, como é o caso de Possidônio, como jornalistas, conferencistas. Escreveram sobre a história de Oeiras e do Piauí. Dagoberto publicou livros, Possidônio, não. Tornaram-se respeitados entre seus pares. Os seus nomes estão registrados na memória de uma parcela da comunidade oeirense. A escrita deste artigo foi precedida pela leitura de textos teóricos que tratam da temática e pela pesquisa documental tendo como fontes: o jornal *O Cometa* e a Revista do Instituto Histórico de Oeiras.

Palavras-chave: História. Intelectual. Jornal. Revista.

Abstract: This article aims to captures the ideas of two prominent historians who were born in Oeiras Piauí and reflected on it. They may also be called “cultural agitators”, since when doing the research that supports the narration of this article, we find them leading the cultural activities in Oeiras. They are men of his time and realized they needed to work for the cultural heritage of Oeiras be preserved. Thus, the time acted as a teacher, as is the case Possidônio, as journalists, lecturers. Wrote about the history of Oeiras and Piauí. Dagoberto published books, Possidônio not. Became respected names among their peers. Their names are recorded in memory of a portion of the community oeirense. The writing of this article was preceded by the reading of theoretical texts that deal with thematic and documentary research by having as sources: the Comet newspaper and the Journal of the Historical Institute of Oeiras.

Keywords: History. Intelectual. Newspaper. Magazine.

Artigo recebido em 19/02/2013 e aprovado 15/07/2014.

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

A historiografia pode ser considerada uma espécie de avaliação sobre a produção historiográfica de determinado período. “A fundamentação última da historiografia não se baseia no que os historiadores fazem, senão, e antes, na crítica do que fazem”.^{II} A historiografia é a reflexão sobre a natureza do histórico, o modo pelo qual se conhece a história.

Este artigo discute de forma crítica a produção historiográfica dos intelectuais Possidônio de Queiroz e Dagoberto de Carvalho Jr. Para tanto, utilizamos como suporte material o jornal *O Cometa* e a *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*. A partir da análise das relações de sociabilidade estabelecidas nas publicações mencionadas, procuramos identificar alguns sentidos e significados assumidos por Possidônio Queiroz e Dagoberto de Carvalho Jr., no que se refere à produção historiográfica e intelectual. A proposição anterior nos remete à discussão sobre o lugar social de quem escreve, sendo esta prática absolutamente necessária, para tornar inteligível as narrativas enredadas pelos historiadores em destaque. Assim, localizamos Possidônio Queiroz e Dagoberto de Carvalho, em um “mundo estreito”, daqueles considerados intelectuais, cuja produção mais significativa volta-se para a história do Piauí, tendo como foco central a cidade de Oeiras, tida por eles como o berço da organização social e política do território piauiense.

Possidônio Queiroz, nascido em 17 de maio de 1904, iniciou os estudos básicos em escola privada, pois não havia, à época, escolas da rede pública em Oeiras. Quando foi criado o sistema de internato na cidade, Possidônio foi matriculado, tendo se destacado como aluno, foi logo elevado à condição de bedel. “Desde cedo, sempre se manteve envolvido com as grandes causas da sua cidade”.^{III} Foi músico, escritor, professor e advogado prático (rábula), colaborador permanente do jornal *O Cometa*, membro do Instituto Histórico de Oeiras e sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras. Publicou, com certa frequência, artigos na *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*. Foi uma espécie de mestre de estudantes e mestres que o procuravam em sua casa ou no escritório para tirar dúvidas sobre conhecimentos gerais.

Dagoberto de Carvalho Jr. formou-se em Medicina, e ainda exerce a profissão; mas enveredou pelos caminhos da história. Ganhou gosto por esta prática intelectual e resolveu fazer o Curso de Pós-Graduação em História, em nível de Mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco. Neste campo desenvolveu pesquisas sobre a cultura popular, escreveu sobre os templos católicos do Piauí e sobre a cidade onde nasceu. Pertence a Academia Piauiense de Letras e ao Instituto Histórico de Oeiras, em cuja revista publicou vários trabalhos. Foi colaborador do jornal *O Cometa* que circulou em Oeiras na década de 1970.

Em 2012, fundou em Oeiras a Confraria Erciana, instituição que se dedica aos estudos e publicização da produção de Eça de Queiroz. Falamos aqui de um historiador que anda pelos caminhos abertos por Clio sem dificuldades; de um intelectual inquieto que tem produzido também e com frequência textos no campo da Literatura. O jornal *O Cometa* serviu como instrumento de divulgação de poemas e crônicas de Dagoberto Jr.

Sobre o Jornal *O Cometa*, vale salientar que foi um criterioso mensário em que doutrinaram os nossos melhores jornalistas. Valioso patrimônio de Oeiras e de sua gente na década em que circulou. Abimael Carvalho^{IV} argumenta que o jornal no período em que circulou não era “dono da verdade absoluta”; era realmente um jornal “sem feição partidária, do ponto de vista político, religioso, ou de qualquer outro tipo”. Os

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

documentos, sua produção e preservação, não são neutros, lembrar isto parece lugar-comum. Uma das fontes que deu suporte à escrita deste texto foi o jornal *O Cometa*. Sobre este tipo de fonte deve-se dizer que, até a década de 1970, era ainda reduzido o número de trabalhos que o utilizava como suporte de pesquisa. O jornal ainda não tinha sido alçado à condição de fonte que merecesse a confiança dos historiadores. “Pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registro fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido dele, forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”.^V Este preconceito foi, de certa forma, vencido. Deve-se dizer que nossa preocupação com o jornal, empregado como fonte, não deve ser menor do que aquela empregada com as demais fontes.

Deve-se compreender a manifestação de Abimael Carvalho, considerando o lugar social que ocupou em Oeiras, ou seja, o de um intelectual e colaborador de *O Cometa*. Destacar como o fez, escrevendo que o jornal era independente, não passava de um desejo. Manifesta o seu sentimento de perda com o desaparecimento do jornal. Considerou que *O Cometa* era uma espécie de porta-voz dos anseios da comunidade oeirense. Avaliava que o referido jornal funcionava como um dos mais fortes pilares de sustentação do Instituto Histórico e na divulgação da produção dos jovens intelectuais da cidade. Por fim, considerava que o periódico funcionou como uma ferramenta formadora das identidades dos oeirenses.

O Cometa começou a circular em março de 1971. Foi apresentado ao público como sendo um órgão de *divulgação e cultura*, tendo em sua direção José Expedito de Carvalho Rego, e, como colaboradores permanentes, Possidônio Queiroz e Costa Machado. Em sua primeira edição, foram impressos dois artigos com a finalidade de apresentar o noticioso ao público leitor, além de uma chamada intitulada de História de Oeiras. Destacam-se também dois artigos assinados. O primeiro deles assinado por L. Portela, que recebeu o título de *Outros caminhos...* e trata da chegada à cidade da energia elétrica fornecida pela COHEBE. O outro texto recebeu o título de *Coluna de Esculápio*, tendo como subtítulo: medicina de ontem e de hoje, e foi assinado por G. Magela Campos e tratava da inauguração de um hospital público em Oeiras.

Em sua primeira edição, o jornal noticia também acontecimentos ocorridos em Oeiras, que os redatores avaliaram relevantes para os leitores. Foi destacada a notícia que dava conta de que o acadêmico de Medicina Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior, avaliado pela redação como um estudioso das coisas de Oeiras, pretendia criar o Instituto de História de Oeiras. Abaixo da notícia em tela foi impresso um artigo do referido Dagoberto, justificando a sua pretensão, “[...] mas estamos certos de que o faremos em muito breve, porque nos propomos a preservar, como antes dissemos, nossos monumentos históricos, a incentivar o amor à terra berço da cultura piauiense e a cultivar nossas mais antigas e caras tradições.”^{VI}

A atitude de Dagoberto de Carvalho demonstra que, desde cedo, esteve preocupado com a produção e mediação cultural em sua terra natal — Oeiras (PI), um homem engajado, atento aos ritmos variados do tempo e às transformações ocorridas na sociedade em que viveu e vive. “Ganha *status* de intelectual devido a sua posição institucional, mas, sobretudo, ao seu “engajamento individual — um investimento psicológico, ao mesmo tempo teórico passional, que pode ser qualificado, se quisermos

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

de vocação”.^{VII} Dagoberto de Carvalho pode ser considerado um profissional da palavra falada e escrita, da introspecção, da análise, do exercício da inteligência.

Destacamos, dentre outros artigos publicados em *O Cometa*, “Fatos e Datas da Vida de Oeiras”, que traduz de forma idiossincrática a condição sociocultural de sua cidade natal e da região. Ressaltamos também um texto que discorre sobre a expansão de um novo sistema econômico, o da agroindustrial açucareira no qual ele argumenta que:

[...] A expansão da economia açucareira fez com que a necessidade, sobretudo, da pecuária crescesse além da expectativa da proporcionalidade, razão por que a economia criatória se transformou em fator primordial de penetração e ocupação dos sertões do Brasil. O caráter mesmo da colonização fazendo-se do interior para o litoral [...] centralizando a nova casa-grande-símbolo futuro da formação também da nossa família inaugurava no Piauí o período ideologicamente mais significativo de nossa história.^{VIII}

Os textos deste autor ganham singularidade a partir das novas tendências historiográficas, pois expressam novos olhares e sensibilidades históricas, revelam uma escrita balizada na chamada Nova História Cultural e em seus objetos e fontes. Nesta linha de raciocínio, o articulista defende que a Casa-grande da pecuária do Piauí representava no auge da produção e do criatório um centro sociocultural devido à arquitetura de suas casas e seus oratórios e imagens, seus cadernos de receitas de bolos e doces oferecem subsídios valiosos para pesquisa dos mais variados aspectos da cultura piauiense. A esse respeito ele ainda acrescenta que nos terreiros desses entrepostos rurais de colonização e civilização, ensejaram-se os primeiros congos e leseiras e dançaram as primeiras rodas de São Gonçalo.

No que diz respeito à produção de Possidônio neste periódico, ela foi marcada por aspectos de sua formação ideológico/cultural, centrada em valores construídos historicamente. Possidônio Queiroz, filho do seu tempo, nascido em uma cidade pequena, cuja tradição e fé povoam as consciências dos habitantes da velha cap. reproduziu o discurso católico/cristão em suas notas e escritos; produziu uma escrita a partir de certa concepção iluminista aos moldes daquela realizada pelos intelectuais que faziam parte do IHGB no início do século XX, na qual ressaltava-se o tratamento linear dado ao desenvolvimento da história e sua instrumentalização como "mestra da vida".

Iluminismo português, marcadamente católico e conservador, que deixará suas marcas na geração fundadora do Instituto Histórico do Brasil e de Oeiras. Assim devemos compreender as narrativas, a produção intelectual do professor Possidônio Queiroz, inspiradas por clássicos como Odilon Nunes, Capistrano de Abreu e Varnhagen cujas produções pontificavam o modo de fazer da historiografia piauiense da década de 1970.

Como historiador, pode ser considerado um representante do positivismo e cientificismo do século XIX, pautado em modelo historiográfico no qual o rigor metodológico foi a referência para sua escrita. Nesse sentido, ele representa o ofício de especialista, construindo sua escrita do presente para o passado, conferindo um significado de registro aos seus trabalhos, embora nem sempre ele assim se visse no momento da sua vida.

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

Possidônio enquanto intelectual se construiu como sujeito do conhecimento que se situa no limiar da expressão erudito, preconizado por Durval Muniz,^{IX} e intelectual problematizado por Jean-François Sirinelle.^X Este último propõe duas acepções para o termo intelectual: a primeira relaciona o intelectual como criador e mediador cultural; a outra acepção propugna que o intelectual como um sujeito engajado na vida política de sua cidade e atividades culturais. Possidônio pode ser enquadrado assim, uma vez que, durante toda sua existência, foi reconhecido por seus pares, como um intelectual que por muito tempo foi o orador oficial da cidade e redator oficial dos discursos proferidos em homenagem a pessoas ilustres, convidadas a participar de eventos culturais em Oeiras.

Atuou na imprensa local e escreveu vários artigos para *A Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, consolidou uma rede de sociabilidades e afetos através de seus textos. Nesta linha de raciocínio, podemos apreciar o artigo publicado no jornal *O Cometa*, de número 1, que circulou em março de 1971, no qual Possidônio, por meio de um artigo, fez apologia às ações dos governantes militares na década de 1960 e à implantação da ditadura civil-militar no Brasil ao defender que o dia 31 de março de 1964 teria marcado a “arrancada homérica”, do patriótico movimento que salvou o Brasil do caos em que se despenhava, e para onde o arrastavam as diretrizes de um governo que se vinha afirmando, cada dia mais nefasto”.^{XI}

Ele afirma ainda que:

O descortino, a atuação salutar, a harmonia de pensamento, a rápida enérgica decisão dos chefes militares das três armas, o civismo, a intrepidez, com que atuaram fizeram ruir a trama que urdia contra a nossa pátria, que, livre de um governo mal orientado, e que a levava a destino imprevisível, retomou o verdadeiro caminho, e, agora patriótica e amoravelmente conduzida, marcha rápida e certa para a sua verdadeira destinação histórica.^{XII}

No mesmo texto, o cronista presta homenagem à memória dos marechais Humberto Castelo Branco e Artur da Costa e Silva; e, de modo especial, reverencia o presidente da República, o Sr. Emilio Garrastazu Médici.

Em outro artigo publicado no mesmo periódico, narra acerca da instalação do governo do Estado na cidade de Oeiras, fato ocorrido no ano de 1971. Naquela oportunidade, o Poder Executivo estadual teve como sede, durante dois dias, a primeira capital do Piauí. Registra em seu texto o acontecimento da seguinte forma: “[...] como um ato democrático por parte do chefe do Executivo alegando que em períodos anteriores da história do Brasil a democracia só acontecia em véspera de eleições”,^{XIII} e continua:

O movimento revolucionário de 1964 ao contrário de outros que se fizeram em horas difíceis de nossa história com o fito de corrigir distorções do regime. Veio para ficar, deflagrou-se para afastar velhos políticos e mantê-los fora do poder, até que uma nova mentalidade se institua no país, vindo para o governo do estado com a finalidade precípua de fazer caminhar o nosso cansado Piauí, quer conhecer bem de perto a nossa realidade. Quer ouvir os governantes municipais na própria região onde sofrem e trabalham, e por isso resolveu transferir a sede de suas atividades administrativas, já para aquele lugar do território estadual.^{XIV}

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

Possidônio publica também em *O Cometa* artigos sobre a colonização do Piauí, demonstrando como foi implantada a Fazenda Cabrobó – freguesia de Nossa Senhora da Vitória. Fundamentado em fontes bibliográficas, dialogando, sobretudo com Pereira da Costa e sua *Cronologia Histórica do Piauí*. Possidônio aponta como figura de relevo para a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, o sertanista Domingos Afonso Mafrense.

Sobre a fazenda Cabrobó e os primeiros currais, destaca a criação de gado como atividade econômica que promoveu a ocupação do território e o desenvolvimento econômico que hoje conhecemos como Piauí. “[...] vivemos durante muitos anos um período em que a pecuária era o sustentáculo da nossa economia”.^{XV}

Perscrutando a biblioteca de Possidônio Queiroz, pode-se constatar que ele conhecia os clássicos da historiografia colonial brasileira e piauiense. O leitor mais atento e interessado pode seguir a trilha aberta por ele e conhecer os principais historiadores que se debruçaram sobre o processo de colonização e devassa do território dos Sertões de Dentro. Entre suas referências, podem ser destacados os nomes de Capistrano de Abreu, Ernesto Ennes, Carlos Eugênio Porto, Barbosa Lima Sobrinho, João Pinheiro, Rocha Pita, e Varnhagen.

Possidônio de Queiroz também produziu sobre a Organização da vida judiciária no Piauí. Relata que no dia 18 de março de 1722, o El-Rei D. João VI assinou uma Provisão, criando o cargo de Ouvidor Geral da Capitania do Piauí.

Na história do Piauí, um lugar de destaque, de honra, de supremacia, não se pode negar a Oeiras. Com a criação da Ouvidoria Geral em 1722 e o provimento do cargo, na pessoa do Dr. Vicente Leite Ripado, estava instalada a justiça no Piauí. Começava na Antiga Capitania, o Império da ordem e da Lei. Isto credita a Velha Cap, um lugar proeminente que lhe deve atrair as vistas respeitadas das suas irmãs.^{XVI}

Também foi noticiado em *O Cometa*, através de seu colaborador Possidônio Queiroz, o aparecimento de jornais na Terra Mater do Piauí, “na gleba natal de Costa Alvarenga”. O historiador nos informa que nos idos de 1832 veio a lume “O Piauiense”, o primeiro jornal que viram as terras de Mafrense.

Depois de O Piauiense muitos outros jornais: políticos, noticiosos, literários, se publicaram aqui. Assim O Telégrafo em 1839, O Governista em 1847, O Analytico, em 1848, O Escolastico 1849, O Echo Liberal em 1849, O Arapuca em 1850, O Argos Piauiense em 1851, Recreio Literário em 1851, O Oeirense em 1852, O Século em 1877, A Ordem em 1878, O Município em 1887, O Teteu em 1887, O Gato em 1889 (assinatura por mês duzentos reis). Vê-se da enumeração feita, que era apreciável o movimento jornalístico na velha cap. Houve anos em que se davam a lume aqui dois jornais 1848, 1851, 1887 e 1889. Parece que tais publicações pela pobreza do meio, tinham vida mais ou menos curta. Eis 1939 surgiu aqui Fanal, mensário de propaganda e interesses gerais circulou até maio de 1945. Era seu redator e proprietário o falecido cel. Orlando Barbosa de Carvalho. Posteriormente editou-se em nosso meio A voz de Oeiras, sob a criteriosa direção do exmo. Sr. Prof. Balduino Barbosa de Deus. Órgão literário doutrinário, bem feito, teve duração regular.^{XVII}

Embora seja longa, a citação se faz necessária, uma vez que contempla uma das teses sobre a tardia implantação da imprensa periódica no Brasil. Possidônio opina que os jornais editados em Oeiras no século XIX tinham vida curta em virtude da “pobreza do meio”. Nelson Werneck Sodré defendeu a tese de que o desenvolvimento da

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO JORNAL O COMETA E NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

imprensa constitui um reflexo do desenvolvimento do capitalismo e da burguesia no Brasil. Em suas palavras: “[...] o atraso da imprensa no Brasil, em última análise, tinha apenas uma explicação: a ausência do capitalismo, ausência de burguesia. Só nos países em que o capitalismo se desenvolveu, a imprensa se desenvolveu”.^{XVIII} A tese de Sodré tem o pecado de atribuir uma única causa ao desenvolvimento tardio da imprensa periódica no País e, desse modo, possui o viés determinista de causa e efeito. Sem negar a relevância de suas reflexões que fizeram contraponto à tese do determinismo político, é necessário pensar de forma mais ampla, conjugando variáveis políticas, econômicas e socioculturais. Na opinião de Marco Morel “[...] A circulação de palavras – faladas, manuscritas e impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados pelas contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura da imprensa”.^{XIX}

A Revista do Instituto Histórico de Oeiras

No dia 30 de janeiro de 1973, o prefeito municipal de Oeiras do Estado do Piauí sanciona a Lei n. 914, que reconhece como utilidade pública, o Instituto Histórico de Oeiras, cujo escopo “é trabalhar pela defesa do nosso patrimônio histórico, e de nossas tradições e pelo desenvolvimento material, moral e cultural de nossa terra”.^{XX} Assim fica registrada a lei que legitima e reconhece O Instituto Histórico de Oeiras como uma instituição de utilidade pública, implantado de fato em janeiro de 1972:

Tendo como fundadores pessoas ilustres da cidade, um grupo de cidadão amantes das letras, brilhantes intelectuais, tendo a frente Possidônio Nunes Queiroz, professor e historiador, José Expedito de Carvalho Rêgo, médico, poeta e escritor e Raimundo da Costa Machado, historiador. Certamente que ao lado desses junta-se renomados personagens que saíram na vanguarda da história de Oeiras nessa importante empreitada refiro-me á Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior.^{XXI}

Os nomes relacionados por Possidônio fazem parte de uma relação de intelectuais conhecidos e respeitados, não apenas em Oeiras, mas em todo o território piauiense. Dagoberto de Carvalho Jr., como já informado, pertence à Academia Piauiense de Letras; José Expedito do Rego é autor do clássico da historiografia do Piauí *O visconde e o vaqueiro*, biografia de José de Sousa Martins, o Visconde da Parnaíba. Convém assinalar que o Instituto Histórico de Oeiras foi representado por Abimael Clementino, outro intelectual de Oeiras como “intrépido guardião, é o relicário vivo e palpante das tradições e da história de Oeiras”.

No decênio comemorativo da fundação do IHO ele foi reconhecido como entidade imprescindível à sociedade oeirense, no cumprimento de um programa dos mais elevados, por prestar a cidade e ao Estado do Piauí serviço relevante. Abimael Carvalho defende que o IHO exerce o papel de “[...] cultivar o passado, preservando as suas tradições e venerando a memória daqueles que o fizeram, é, além de ato de patriotismo, demonstração de sabedoria”.^{XXII} E continua o cronista:

[...] os trabalhos de ilustres confrades, sob o patrocínio do Instituto, iniciado com as comemorações do sesquicentenário da independência do Piauí, em

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

janeiro de 1973, através de brilhantes conferências e escritos vários e continuados com estudos, os mais diversos e proveitosos, a princípio nas páginas, a princípio nas páginas do *O cometa* jornal que honrou a cultura piauiense e posteriormente nas suas próprias revistas.^{xxiii}

O Instituto se reúne com frequência e edita sua revista anualmente. A edição mais recente da revista foi publicada no ano de 2011. É o exemplar de número 18. Nela constam artigos que tratam de vários temas. Foram publicados textos sobre a história de Oeiras, que problematizam e questionam acontecimentos narrados na produção historiográfica local, como, por exemplo, o processo de colonização do território piauiense, crônicas, poemas, trechos de cartas trocadas entre os sócios do Instituto Histórico, discursos em homenagens a figuras que se destacaram na vida pública de Oeiras, seja político, médico, engenheiro, comerciante, dentre outros.

Uma revista é um lugar de fermentação intelectual, relação afetiva e, ao mesmo tempo, viveiro e espaço de sociabilidades (quantas polêmicas que, às vezes, definiram a atmosfera intelectual de uma época, foram ditadas a seus autores pela preocupação de que o outro respondesse publicamente a esta última pergunta?) – Que será que ele diz disso? Seria sem dúvida um grave erro científico e psicológico supervalorizar a importância e o papel dos arroubos emocionais dos intelectuais.

A sociabilidade pode ser entendida de outra maneira, na qual se interpretam o afetivo e o ideológico. As redes secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a afetividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção: ao mesmo tempo redes que estruturam e microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular.

A Revista do IHO, penetrada da concepção exemplar da história, abre uma rubrica em seu interior dedicada à publicação de traços biográficos, capazes de fornecerem exemplos às gerações vindouras, contribuindo desta forma também para a construção da galeria dos heróis locais.

Dagoberto de Carvalho Jr., conforme dito antes, pertence aos quadros da Academia Piauiense de Letras, e escreveu para a revista do Instituto sobre os mais variados assuntos. Na revista de número 9 de 1987, escreveu sobre a instalação do Conselho Municipal de Oeiras, na data comemorativa do 270º aniversário da Vila da Mocha. Dagoberto foi um dos propugnadores do Conselho que, em sua opinião, devia se ocupar de uma política cultural para Oeiras. Considera que a atitude do então prefeito da cidade deve ser valorizada, pois ela contribui para que a cidade de Oeiras tivesse o reconhecimento dos piauienses como patrimônio histórico. Tais atos contribuíram também para que Oeiras fosse incluída no programa de cidades históricas e coloniais do Nordeste, fato determinante para as restaurações da catedral, do Palácio do bispo e do Palácio dos presidentes da Província.

Dagoberto de Carvalho destaca:

Conseguimos o museu de Arte Sacra e a Pousada do Cônego. Editamos oito números da revista do Instituto. Reeditamos Esmaragdo de Freitas e George Gardner. Vimos a terceira edição do guia pioneiro da cidade, tudo isso era registrado pelo historiador e anota ainda que “o patrimônio cultural que defendemos e de que este conselho se torna guardião maior, é um legado de trezentos anos. Ao Conselho Municipal de Cultura, cabe preservá-lo e

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL O COMETA E NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

defendê-lo, garantindo aos que vierem depois de nós, sua integridade como acervo e nossa experiência como contribuição.^{XXIV}

Na revista de número 15 de 1998, Dagoberto escreveu um artigo intitulado “Progresso sem asfalto”, em cujas linhas traça a importância de sua cidade como patrimônio histórico material piauiense, fazendo menção à criação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória e do mais antigo espaço urbano do Piauí, a Praça das Vitórias, considerado por ele como coração civil da piauiensidade, desafiando o tempo e a incúria de administradores que – uns mais outros menos – vem tentando emprestar-lhe características pessoais, mas alheias a sua secular ambivalência, ao seu paisagismo singular de conjunto único que já valeu à cidade, inclusive, o título de “Monumento Nacional”. Dagoberto revela nesse texto sua preocupação e responsabilidade com o patrimônio material de Oeiras. Pode-se dizer que o historiador foi sempre atuante desde estudante; ao tempo da fundação do Instituto Histórico de Oeiras se fez cidadão consciente, trabalhando através da palavra e do exemplo, as nobres causas do espírito, alista novamente nestas causas quando da pavimentação da cidade alegando que:

Não há progresso que justifique a pavimentação asfáltica com que ora se ameaça o centro histórico de Oeiras. A cidade velha precisa de investimentos mais, justamente, na área oposta: incentivo para restauração e manutenção de imóveis residenciais e públicos de interesse para o conjunto arquitetônico em via de total descaracterização.^{XXV}

Outro aspecto a considerar em seus escritos é como ele problematiza historicamente a data oficial em que se comemora a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória. O artigo leva o nome da Freguesia. Em sua opinião

[...] aprendemos muito cedo a associar o surgimento da Freguesia ao ano de 1696 ao bispo de Pernambuco D. Frei Francisco de Lima. Coisas também da tradição oral, pois ainda está por localizar o documento canônico de ereção da matriz. O próprio brasão de armas da cidade incorporou essa crença que lei municipal acabou por oficializar. Não me parece, contudo, pertinente essa consagração. A data de Oeiras, mais do que qualquer outra, é este 2 de março. Datam desse dia, ano de 1697 – há trezentos anos, portanto, hoje.^{XXVI}

A produção de Possidônio na Revista do Instituto Histórico de Oeiras^{XXVII}

Possidônio, conforme dito anteriormente, foi um colaborador incansável da Revista do IHO. Na Revista n. 2, foi transcrita uma conferência por ele realizada no auditório da Escola Normal “Presidente Castelo Branco” às 20 horas do dia 24 de setembro de 1972. Nessa conferência Possidônio destaca o civismo que deve ser pautado pelos jovens que o ouviam e o tema da conferência foi a contribuição do Piauí nas lutas da independência. Relata também sobre as outras sessões cívicas realizadas durante a semana da pátria no edifício da Escola Normal, “as judiciosas palestras que não somente encantavam como abriam ao entendimento, largo motivo para a meditação e o aprendizado”.^{XXVIII}

Por meio da palavra que ele julgava um milagre soberano com que a providência dotou os homens – esse instrumento poderoso, que possui os acentos mágicos de um “estravagante encantado”, esse instrumento de comunicação entre as criaturas, e que foi uma das maiores criações do criador. Possidônio, na terceira sessão solene, realizada

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL O COMETA E NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

pelo Instituto Histórico de Oeiras, para comemorar o sesquicentenário das lutas do Piauí pela independência do Brasil, fala das agitações políticas desenroladas em Oeiras no primeiro quartel do século XIX, evocando a figura do brigadeiro Manuel de Sousa Martins, homem poderoso, de grande prestígio, e que se tornou a figura central da independência no Piauí.

Em sessão solene realizada no auditório da Escola Normal Castelo Branco, às 20 horas do dia 13 de agosto de 1976, Possidônio profere discurso de Saudação a D. Carmine Rocco, pela visita de V. Exa. Revma. Sr. Núncio, a cidade histórica, cidade visceralmente cristã, essencialmente católica entendia que sua terra natal como de resto todo o Brasil nasceu à sombra da fé, gostava em seus textos de reiterar a cidade de Oeiras como da fé e da tradição

[...] nos idos de 1696 se criava a primeira Freguesia em terras do antigo Piagoí. Com os primeiros currais, a Cruz de Cristo, A nova paróquia, criada sob a invocação da Virgem de Nazaré, foi abençoada por Deus. E continua sente V. Exa., Sr. Núncio Apostólico, o calor desta manifestação. Tudo aqui são protestos de respeito, de veneração, de acatamento à doutrina da igreja, na pessoa do seu mais alto representante em nosso país.^{XXIX}

Possidônio em muitos de seus escritos nos surpreende com uma narrativa poética, às vezes quase mística, fábula, exotérica, com olhar sensível aos eventos sociopolíticos de sua urbe. Na Revista de número 3 de 1980, o professor Dr. Luiz Carvalho escreveu, inspirado pela percepção sublime de um morador da cidade, sobre a mágoa dos oeirenses com a transferência da sede do governo para a chapada do Corisco, por meio de figura de linguagem, quando o riacho Mocha parece ganhar vida e sentimentos humanos. O professor afirma que o Mocha sente, sofre, chora e se maldiz.

Que mal fiz eu – poderá perguntar – para receber, em troca de tanto bem, da terra a que tanto quis e quero, e que ajudei a construir, esse tratamento, de todo ponto, injusto?... O Mocha sempre quis a essa gleba ajudou-a, embalou-a, tratou-a com carinho de mulher amante. Por isso, noite velha adentro, quando morfeu estendia as asas protetoras sobre as pedras do seu leito, suspendendo o barulho costumeiro, o acanhamento de todo o instante. Isso era o que diziam os moradores da bica e de outros pontos onde se viam as ribanceiras do riacho. Por isso ainda, pelo amor que se tinha à velhinha de cabelos de branco, amargou-se penosamente, com a mudança da capital pela chapada do corisco.^{XXX}

Até o limite de uma vingança [...] e narra Possi “E o velho Mocha, pletórico, salta do lugar onde outrora existiu o seu leito e que os homens destruíram, aterraram, salta daí e, não tendo por onde correr pacificamente entra pelos quintais, derruba muros, invade ruas e destrói casas [...]”.^{XXXI}

À guisa de conclusão pode-se afirmar que, os articulistas em cena narraram sobre vários temas da história social oeirense/piauiense. O exercício da atividade intelectual os consagra como personagens que possuem a capacidade de apreensão e manipulação de ideias e da realidade social. Os dois tiveram o reconhecimento dos pares por atuarem como distintos homens de letras e pelo engajamento na vida sociocultural da primeira capital do Piauí- Oeiras. São homens do seu tempo e que perceberam que precisavam colaborar para que o patrimônio cultural de Oeiras fosse

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

preservado. Assim, atuaram como guardiões da memória através da qual iam morosamente significando fatos e informando ao leitor. Os seus nomes estão registrados na memória de uma parcela da comunidade oeirense.

Notas

^I Mestra pela Universidade Federal do Piauí e doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora da FAP-Teresina.

^{II} ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Trad. Andréa Dore. Bauru-SP: EDUSC, 2006. p. 21.

^{III} SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In: **Possidônio Queiroz**. Memória piauiense. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995. p. 5.

^{IV} CARVALHO, Abimael. Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 4, p.18 -20, 1975.

^V LUCA, Regina de Luca. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanez; et. al. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 112.

^{VI} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. Instituto Histórico de Oeiras. **O Cometa: órgão de divulgação e cultura**. Oeiras, Ano I, n. 1, p. 4, mar. 1971.

^{VII} LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: UNISINOS, 2004. p.12.

^{VIII} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. **O Cometa: órgão de divulgação e cultura**. Oeiras, ano I, n. 6, p. 2, 1971.

^{IX} Cf. ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajeto**. Revista do Programa de Pós-História, v. 3, n. 6, p. 43-66, 2005.

^X CF. SIRINELE, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

^{XI} QUEIROZ, Possidônio. Organização da vida judiciária no Piauí. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 3, n.7, p.4, 1973.

^{XII} QUEIROZ, Possidônio. Alberto Silva instala o governo em Oeiras. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971.

^{XIII} SODRÉ, Nelson Werneck. Apud: SILVA, Marcos Paulo da. Das explicações “significativas às explicações interpretativas”: uma revisão epistemológica das teses explicativas para a tardia implantação da imprensa periódica no Brasil. In: REGO, Ana Regina. **Imprensa: perfis e contexto**. São Paulo: All Print, 2012.

^{XIV} Id. *ibid*.

^{XV} CARVALHO, Abimael. Oeiras e o Instituto Histórico. **Trajeto**. Revista do Instituto Histórico de Oeiras, v. 3, n.6, p.23-26, 1980.

^{XVI} Id. *ibid*.

^{XVII} Id. *Ibid*.

^{XVIII} QUEIROZ, Possidônio. Alberto Silva instala o governo em Oeiras. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971.

^{XIX} Id. *ibid*.

^{XX} QUEIROZ, Possidônio. Alberto Silva instala o governo em Oeiras. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971

^{XXI} Id. *ibid*.

^{XXII} QUEIROZ, Possidônio. Fatos e datas. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971.

^{XXIII} QUEIROZ, Possidônio. Alberto Silva instala o governo em Oeiras. **O Cometa. Órgão de Divulgação e Cultura**. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971.

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE
CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO
JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

-
- ^{XXIV} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. No Conselho de Cultura. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n. 9, p. 43-44, 1987.
- ^{XXV} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. Instituto Histórico de Oeiras. **O Cometa**: órgão de divulgação e cultura. Oeiras, Ano I, n. 1, p. 4, mar. 1971.
- ^{XXVI} LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: UNISINOS, 2004. p.12.
- ^{XXVII} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. **O Cometa**: órgão de divulgação e cultura. Oeiras, ano I, n. 6, p. 2, 1971.
- ^{XXVIII} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. Progresso sem asfalto. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n.15, p.21-22, 1998.
- ^{XXIX} CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n.14, p. 49-51, 1995.
- ^{XXX} QUEIROZ, Possidônio. Contribuição do Piauí nas lutas da independência. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n. 2, p. 69-90, 1980.
- ^{XXXI} Id. *ibid*.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajetos**. Revista do Programa de Pós-História, v.3, n.6, p.43-66, 2005.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Trad. Andréa Dore. Bauru-SP: EDUSC, 2006.

CARVALHO, Abimael. Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 4, 1975.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. Instituto Histórico de Oeiras. **O Cometa**. Órgão de divulgação e cultura. Oeiras, Ano I, n. 1, mar. 1971.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. No Conselho de Cultura. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, 1987.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: UNISINOS, 2004. p.12.

LUCA, Regina de Luca. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanez; et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 112.

QUEIROZ, Possidônio. Alberto Silva instala o governo em Oeiras. **O Cometa**. Órgão de Divulgação e Cultura. Oeiras, Ano, 1, n.1, p.1, 1971.

QUEIROZ, Possidônio. Contribuição do Piauí nas lutas da independência. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n.2, p.69-90, 1980.

SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In: **Possidônio Queiroz**. Memória piauiense. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE POSSIDÔNIO QUEIROZ E DAGOBERTO DE CARVALHO JR. DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NA CIDADE DE OEIRAS-PI NO JORNAL *O COMETA* E NA REVISTA *DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS*.

AUDREY MARIA MENDES DE FREITAS TAPETY

SIRINELE, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. In: SILVA, Marcos Paulo da. Das explicações “significativas às explicações “interpretativas”: uma revisão epistemológica das teses explicativas para a tardia implantação da imprensa periódica no Brasil. In: REGO, Ana Regina. **Imprensa: perfis e contexto**. São Paulo: All Print, 2012.